

# A CULTURA E A MEMÓRIA NO CONTEXTO ESCOLAR

Claudio Luiz Orço\*

Debora Ferreira\*\*

Rosiclei Brandalise de Vicentini\*\*\*

## Resumo

O presente artigo é resultado do trabalho realizado pela Universidade do Oeste de Santa Catarina em parceria com a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), por meio do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID). O texto conduz uma reflexão acerca da importância do debate nas escolas de Educação Básica sobre cultura e valorização da memória para a compreensão da História local. A escolha do tema está relacionada ao trabalho sobre resgate cultural, que auxilia no aprendizado de alunos e professores na compreensão sobre a importância do ensino da cultura histórica ao fortalecimento da sua identidade social. Assim, pensar a cultura e a identidade social das nossas escolas, leva-nos a refletir como o material didático além dos professores da Educação Básica podem contribuir com a formação de uma sociedade crítica e consciente, considerando a unidade escolar como um espaço de debates, necessário e importante à compreensão da cultura e da história local.

Palavras-chave: Cultura. História. Patrimônio. Educação.

## 1 INTRODUÇÃO

O cotidiano e a contextualização com as experiências históricas coletivas proporcionam à compreensão dos alunos em relação à sua memória e ao conhecimento da sua História, auxiliando-os na maturidade das relações humanas, na valorização do patrimônio histórico e, principalmente na própria cultura, considerando-se parte da História em construção. Geertz (1978, p. 103) conceitua a cultura como processo e estabelece padrões de comportamento que nem sempre são compreendidos como conhecimento histórico.

A cultura é padrão de significados transmitidos historicamente, incorporados em símbolos, um sistema de concepções herdadas, expressas em formas simbólicas, por meio das quais os homens se comunicam, desenvolvem seus conhecimentos e suas atividades em relação à vida.

---

\* Professor, doutor em Educação pela Universidade Federal de Santa Catarina; Pró-reitor Acadêmico da Universidade do Oeste de Santa Catarina de Xanxerê; Coordenador do projeto PIBID Licenciatura em História; claudio.orco@unoesc.edu.br

\*\* Bolsista do PIBID e acadêmica do curso de História da Universidade do Oeste de Santa Catarina de Xanxerê; debora.xxe@hotmail.com

\*\*\* Professora e assessora da Pró-reitoria Acadêmica no PIBID da Universidade do Oeste de Santa Catarina de Xanxerê, rosiclei.vicentini@unoesc.edu.br

A cultura se refere a todo o tipo de arte produzida pelo homem, não sendo possível identificar ou discutir se existe cultura melhor ou pior, e sim culturas diferenciadas, pois cada sociedade tem sua cultura, não importando o nível de evolução tecnológica ou de linguagem do grupo, desde que sejam criações cultivadas e que possam ser repassadas às futuras gerações. Assim, a escola tem um grande papel no debate das culturas, identificando-as e valorizando-as em sua diversidade no contexto da Escola e fora dela.

## 2 A GLOBALIZAÇÃO *VERSUS* CULTURA

A globalização leva a sociedade a conceber o país como um só lugar, não demonstrando a existência de diferenças no próprio Brasil, como, por exemplo, os nordestinos, os gaúchos, os cariocas etc.; e, se isso não bastasse, temos ainda, dentro da mesma região, a diversidade cultural, social e econômica podendo dizer que há vários países dentro de um só, pois esse processo (globalização) interliga o mundo nesses aspectos sociais, econômicos, culturais e políticos, estabelecendo uma relação entre esses ambientes com culturas diferenciadas, considerando-os como parte de uma cultura global, perdendo as suas especificidades culturais.

Assim, a globalização tem por objetivo a homogeneização da sociedade, defendendo padrões sociais e econômicos igualitários, esquecendo que vivemos em um mundo de grandes diferenças que determinam o modo de ser, de pensar e agir, contribuindo para a degradação cultural dos povos.

É por isso que necessitamos trabalhar de forma aprofundada as diferenças, vendo-as como uma alternativa e não como uma ameaça, superando a intolerância e demonstrando que não somos desiguais, mas diferentes; e, se na escola não conseguimos representar dessa forma, demonstra que o despreparo do professor está presente nesse processo. Assim, na obra do Brasil (2009, p. 24):

O etnocentrismo consiste em julgar, a partir de padrões culturais próprios, como “certo” ou “errado”, “feio” ou “bonito”, “normal” ou “anormal” os comportamentos e as formas de ver o mundo dos outros povos, desqualificando suas práticas e até negando sua humanidade.

A escola é um importante espaço de reprodução dessa cultura e de circulação do conhecimento.

A escola persegue finalidades. É importante ressaltar que os educadores precisam ter clareza das finalidades de sua escola. Para tanto, há necessidade de se refletir sobre a ação educativa que a escola desenvolve com base nas finalidades e nos objetivos que ela define. As finalidades da escola referem-se aos efeitos intencionalmente pretendidos e almejados. (ALVES, 1992, p. 19.).

Para Bolzan (2002), é importante que o professor, possa:

Conceber a escola como um contexto propício para a construção e a apropriação de conhecimentos e, conseqüentemente, da cidadania, leva-nos a supor que a aprendizagem mediada é um fator relevante para a construção de saberes de professores e alunos, favorecendo a consolidação dos processos cognitivos de ambos. Mais uma vez, a noção de estímulo auxiliar torna-se relevante. (BOLZAN, 2002, p. 20).

De acordo com a autora,

Podemos dizer que o espaço escolar, em suas dimensões social e cultural, permite desde a formação do pensamento dos sujeitos, até a transmissão/a vivência de valores morais. Assim, a existência da escola se justifica, pois ela tem servido, como um espaço de socialização dos conhecimentos acumulados, pela humanidade, na sociedade. (BOLZAN, 2002, p. 24)

Realizar o levantamento de dados da história local e regional permite a compreensão do seu entorno, identificando seu passado e seu presente nos vários espaços de convivência social, política e cultural. Por isso é importante trabalhar na escola as diferentes culturas desenvolvendo as inter-relações, tornando-os sujeitos cultos rompendo com os preconceitos, aceitando as diferentes expressões culturais, percebendo diferentes, porém não desiguais, com os mesmos deveres e direitos de ser, pensar e agir.

A democracia social se fundamenta em alguns princípios e requer o desenvolvimento de certo número de práticas com vistas a superação da verticalidade das hierarquias, apriorísticas, da opressão de grupos subalternizados entre outras formas de discriminação e de silêncio produzidas em contextos não democráticos. (OLIVEIRA, 2001, p. 12).

Trabalhar a cultura nas escolas auxilia a formação da identidade do próprio aluno, estabelecendo relações entre as culturas, apreciando-as, conhecendo-as e identificando afinidades, enriquecendo seus saberes, reformulando seu jeito de ser, suas atitudes, seu modo de pensar, trazendo para si e para as pessoas que o cercam novos conhecimentos e um novo olhar sobre o mundo que o cerca. É assim que Oliveira (2001, p. 31) entende a atuação do professor:

A ação política democratizante no interior da escola ocorre pela transformação das práticas sociais reais que se desenvolvem no seu interior, tendo em vista a necessidade de se ampliar os debates, respeitando-se as diferenças de interesse entre os diversos sujeitos e grupos em interação, e criando condições para uma participação autônoma, dos diversos segmentos, viabilizando, neste processo, a horizontalização das relações de força entre eles.

O ser humano passa a admirar a cultura quando é estimulado pelo seu meio, pais, professores, e pelas informações que recebe do mundo. Por essa razão, trabalhar a cultura na escola, no ambiente em que o adolescente desenvolve seus saberes científicos é

imprescindível para a formação de um indivíduo socializado, crítico e humano. Há ainda os defensores do multiculturalismo que defendem que:

Na perspectiva do multiculturalismo crítico, trata-se de encarar de modo antropológico as culturas dos grupos dominados, como manifestação e expressão de formas de organizar a vida social que existem ao lado de outras, igualmente válidas [...] Não se trata de “partir da cultura dominada”, mas de interrogá-la, questioná-la, historicizá-la, da mesma forma como se deve fazer com a cultura dominante. Não é uma questão de superá-la, para entrar em outra, mas de colocar questões que revelem sua história, a história que produziu as presentes identidades sociais e as colocou em relação subordinada na configuração social existente. (SILVA, 1996, p. 38).

Entre essas variações culturais, pode-se citar que o modo de vida, as crenças do grupo, seus costumes, afinal tudo que defina a maneira em que o grupo age com as coletividades, desenvolve a capacidade de criar e praticar, já que a cultura é impraticável individualmente. A cultura é caracterizada como um conjunto de práticas sociais transmitidas de geração em geração, por meio do convívio social que possibilita o cultivo de novos saberes, mediada pela troca de experiências, havendo a diferenciação de valores e da forma peculiar de ver a própria história. Sobre a formação da cultura, Laraia (2001, p. 70), analisa que:

O modo de ver o mundo, as apreciações de ordem moral e valorativa, os diferentes comportamentos sociais e mesmo as posturas corporais são assim produtos de uma herança cultural, ou seja, o resultado da operação de uma determinada cultura [...] indivíduos de culturas diferentes podem ser facilmente identificados por uma série de características, tais como o modo de agir, vestir, caminhar, comer, sem mencionar a evidência das diferenças linguísticas, o fato de mais imediata observação empírica.

Conseqüentemente, a formação cultural de um grupo depende do incentivo, da luta e do querer de muitos em prol de um objetivo em comum, bem como a valorização no contexto em que se está inserida.

Por isso, a vida e o jogo das relações só sobrevivem se forem cercados de cuidado, de desvelo e de atenção. A pessoa se sente envolvida afetivamente e ligada estreitamente ao destino do outro e de tudo o que for objeto de cuidado. (BOFF, 2003, p. 85)

Considerando que o local onde vivemos deve promover bem-estar e a felicidade, é possível acreditar que apesar da situação agravante que se encontra a sociedade hoje, ainda é possível recuperar o interesse pelo fortalecimento dos valores humanos que promovam a idealização da nossa condição de vida, iniciando com nossas próprias atitudes. Afinal, somos seres socializadores e sabemos que a cultura une as pessoas e auxilia no entendimento humano, além de ajudar na formação identitária, demonstrando, por meio do conhecimento, que as culturas são diferenciadas, pois geralmente percebemos a in-

feriorizarão da cultura de um grupo sobre os diferentes. É isso que Laraia (2001, p. 90) confirma a seguir:

Todo sistema cultural tem a sua própria lógica e não passa de um ato primário de etnocentrismo tentar transferir a lógica de um sistema para outro. Infelizmente, a tendência mais comum é de considerar lógico apenas o próprio sistema e atribuir aos demais um alto grau de irracionalismo.

Ainda, devemos estar conscientes de que pertencemos a modos interculturais, de pessoas diferentes e de sociedades diferentes, em que essas trocas das relações implicam em uma compreensão multicultural. Segundo Brasil (2007):

[...] a produção das diferenças sociais se concretiza na formulação de diferentes projetos societários, definidos por cada povo, a partir de seus valores simbólicos, de sua história, de suas perspectivas políticas de autonomia e de continuidade cultural, bem como de suas estratégias de interação com a sociedade majoritária.

### 3 A ESCOLA: UM ESPAÇO DE DEBATES CULTURAIS

Além da escola, a família, os amigos e os diferentes espaços que o indivíduo está inserido são espaços de debates e convívio cultural dos diferentes, pois contribuem e estimulam a aprendizagem de novas culturas e realidades. Em outros tempos, cabia à família o papel de educar, mas hoje parece que a responsabilidade recai muito mais sobre a escola porém, este papel social continua sendo da família, dos pais e da sociedade, pois a escola é a mediadora nesse processo.

Consolidada pelos usuários, estreitando as relações distantes, porém, próxima pelo conhecimento social e cultural, a escola hoje é um dos poucos lugares (tido como obrigatório) em que os jovens frequentam diariamente, passando a maior parte do tempo de sua infância e juventude; é nela que formam suas raízes, que a valorização e o respeito pelas diferenças culturais devem ser fortalecidos e ampliados. Por isso, é necessário que a escola trabalhe a valorização de seu meio, podendo começar pela escola e comunidade, contribuindo para a formação de um cidadão mais consciente do seu papel social. No que se refere à educação humana Saviani (2000, p.17) diz: “[...] o trabalho educativo é o ato de produzir, direta e intencionalmente, em cada indivíduo singular, a humanidade que é produzida histórica e coletivamente pelo conjunto dos homens.”

Segundo Brasil (2007), a interculturalidade considera a diversidade cultural em seu amplo processo de ensino e aprendizagem. A escola deve trabalhar com os valores, saberes tradicionais e práticas de cada comunidade e garantir o acesso à conhecimentos e tecnologias relevantes para o processo de interação e participação cidadã na sociedade. Para Fleuri (2001,, p. 7-8) há vários conceitos de cultura, considerando o lugar como ponto de partida no seu contexto.

As definições de cultura podem ser aglutinadas segundo diferentes critérios. Cultura pode ser definida a partir de diferentes *tópicos*, ou categorias sociológicas, como organização social, religião ou economia. Do ponto de vista *histórico*, Cultura pode ser entendida como herança social, ou tradição, que é transmitida de uma geração para outra. Do ponto de vista comportamental, Cultura é compreendida como o comportamento humano, o modo de vida, que é compartilhado e aprendido pelos seres humanos. Na perspectiva normativa, a Cultura é considerada como os ideais, os valores ou regras de vida. *Funcionalmente*, a Cultura pode ser entendida como o conjunto de modos que os seres humanos desenvolvem para resolver problemas de adaptação ao meio ambiente ou de vida em sociedade. Do ponto de vista mental, a cultura pode ser vista como o conjunto de ideias, ou hábitos aprendidos, que inibe os impulsos e distingue as pessoas dos animais. *Estruturalmente*, a Cultura pode ser concebida como padrões e inter-relações de ideias, símbolos ou comportamentos. Do ponto de vista simbólico, considera-se que a cultura consiste no conjunto de significados, construídos arbitrariamente, que são compartilhados socialmente. Pode-se, enfim, constatar que a Cultura envolve ao menos três componentes: o que as pessoas pensam o que fazem e o material que produzem.

Trabalhar com nossos alunos na escola e as diferentes culturas é desenvolver inter-relações, tornando-os sujeitos cultos, críticos e conscientes de sua realidade cultural. E, conseqüentemente, a realização desse tipo de trabalho ajuda a formar a identidade social e cultural deles, pois faz da pessoa um ser pertencente a um grupo no qual ele compartilha seus conhecimentos além de poder fazer parte da sociedade da qual ele vive de maneira culta e com estilo próprio, de forma diferenciada dos demais, porém, que procure ser agradável ao grupo em que faz parte. Nesse sentido pode-se dizer que a cultura é o canal pelo qual expressamos nossos sentimentos e do grupo social do qual fazemos parte.

Isso nos auxilia na formação da nossa identidade cultural, descobrindo nossas raízes culturais, afinal, a identidade nasce da importância que damos às coisas que absorvamos do mundo e que atribuímos significado, auxiliando a mudar nosso modo de pensar e agir. A formação identitária, relacionada à cultura, faz-se a partir do conhecimento que este indivíduo tem de determinada cultura, conseguindo enriquecer pelos saberes absorvidos por ela, estabelecendo uma relação de pertencimento e defesa do direito de ser diferente. Assim, Garcia Canclín (2007, p. 41), diz:

Ao conceituar a cultura [...] estamos dizendo que a cultura não é apenas um conjunto de obras de arte ou de livros e muito menos uma soma de objetos materiais carregados de signos e símbolos. A cultura apresenta-se como processos sociais, e parte da dificuldade de falar dela deriva do fato de que se produz, circula e se consome na história social. Não é algo que apareça sempre da mesma maneira. Daí a importância que adquiriram os estudos sobre recepção e apropriação de bens e mensagens nas sociedades contemporâneas. Mostram como um mesmo objeto pode transformar-se através de usos e repropriações sociais. E também como, ao nos relacionarmos uns com os outros, aprendemos a ser interculturais.

Ainda de acordo com o autor, é importante perceber que:

[...] há uma outra direção, que descrevíamos a propósito dos valores, segundo a qual *a cultura é vista como uma instância simbólica da produção e reprodução da sociedade*. A cultura não é um suplemento decorativo, entretenimento dominical,

atividade de ócio ou recreio espiritual para trabalhadores cansados, mas algo constitutivo das interações cotidianas, à medida que no trabalho, no transporte e nos demais movimentos comuns se desenvolvem processos de significação. Em todos estes comportamentos estão entrelaçados a cultura e a sociedade, o material e o simbólico. O que é, então, a cultura? Não podemos retomar à velha definição antropológica que a identificava com a totalidade da vida social. Nas teorias sociosemióticas, fala-se de uma imbricação complexa e intensa entre o *cultural* e o *social*. Dito de outra maneira, todas as práticas sociais contêm uma dimensão cultural, mas nestas práticas sociais nem tudo é cultura. Se vamos a um posto de gasolina e abastecemos nosso carro, este ato material, econômico, está repleto de significações, já que vamos com um automóvel de certo *design*, modelo, cor, e atuamos com certo comportamento gestual. Toda conduta *significa* algo, participa, de modo distinto, das interações sociais. (GARCIA CANCLINI, 2007, p. 45).

A cultura na contemporaneidade não é mais dirigida apenas pelas escolas, igrejas, família, grupos étnicos, ou por organizações, há sim, outras matrizes culturais que nascem e passam a desenvolver outro tipo de educação, mudando as atitudes e o modo de vida das crianças, jovens e adultos. Esta cultura globalizada, com novas tecnologias de comunicação, auxilia para construir um ambiente que contribui significativamente na difusão de valores e modos de viver diferentes que, aos poucos, aumenta muito a construção de novas práticas intelectuais dos jovens no contexto atual.

Os laços que existiam entre os seres humanos, que antes teciam uma rede de segurança digna de um amplo e contínuo investimento de tempos e esforços, valorizando o sacrifício de interesses individuais imediatos, tornam-se cada vez mais frágeis e temporários (GIDDENS, 1997). Portanto, devemos valorizar o conceito de formação diferenciada e de modo especial de cada instituição.

É nessa variedade de locais que se estabelecem as relações de cultura, como família, escola, religião, trabalho, mídia e na própria rua, ampliando a capacidade de autonomia, pois auxilia o jovem nas suas escolhas, na formação da sua identidade, olhando o mundo e participando dele com maiores conhecimentos culturais para uma vida mais crítica e compreensível.

A cultura em todos os seus aspectos tem como objetivo fortalecer a formação identitária da pessoa fazendo com que ela faça parte de um grupo, proporcionando a ela condições saudáveis de convivência no mundo em que vive.

#### 4 CONCLUSÃO

Este trabalho demonstra o quanto é importante para a escola e, especialmente, para o processo de ensino e aprendizagem agregar em seus conteúdos metodologias que possam inserir em sala de aula, como a Cultura e o cuidado com o patrimônio histórico, partindo da valorização de sua memória e dos princípios das relações culturais.

Assim, devemos valorizar a memória dos sujeitos históricos que auxiliaram na construção de nossa história, observando e buscando a história local, dando voz àqueles que estão fora da História oficial, contada nos livros, em artigos ou outros, que somente se embasaram

em documentos escritos ou fotografados de fatos considerados importantes apenas para o olhar de alguns, ou seja, atendendo aos interesses daqueles que escrevem nossa história.

O processo de ensino e aprendizagem tem como objetivo principal formar cidadãos críticos com a realidade na qual vivem, e, para que isso aconteça, é necessário existir nas escolas debates sobre o passado interligando-o com o presente, respeitando os diferentes processos de construção social, bem como de diferentes sujeitos sociais. Por isso, é preciso que a instituição escolar proporcione condições para que os professores trabalhem a cultura e a história em seus componentes curriculares de forma continuada e não isoladamente.

## REFERÊNCIAS

ALVES, José Matias. **Organização, gestão e projeto educativo das escolas**. Porto: ASA, 1992.

BOFF, Leonardo. **Ethos Mundial: um consenso mínimo entre os humanos**. Rio de Janeiro: Sextante, 2003.

BOLZAN, Dóris Pires Vargas. **Formação de professores: compartilhando e reconstruindo conhecimentos**. Porto Alegre: Mediação, 2002.

BRASIL. Ministério da Educação. **Educação escolar indígena: diversidade sociocultural indígena ressignificando a escola**. Brasília, DF: MEC, 2007.

\_\_\_\_\_. **Gênero e diversidade na escola: formação de professoras (es) em gênero, orientação sexual e relações étnico-raciais**. Livro de conteúdo. Rio de Janeiro: CEPESC, Brasília, DF: SPM, 2009.

FLEURI, Reinaldo Matias (Org.). **Intercultura: estudos emergentes**. Ijuí: Ed. Unijuí, 2001.

GARCIA CANCLINI, Néstor. **Diferentes, desiguais e desconectados: mapas da interculturalidade**. 2. ed. Rio de Janeiro: Ed. UFJR, 2007.

GEERTZ, Clifford. **Interpretação das culturas**. São Paulo: Zahar, 1978.

GIDDENS, Anthony. **As conseqüências da modernidade**. São Paulo: Ed. Unesp, 1997.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura: um conceito antropológico**. 14 ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

OLIVEIRA, Inês Barbosa (Org.). **A democracia no cotidiano da escola**. 2. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

SAVIANI, Demerval. **Pedagogia histórico-crítica: primeiras aproximações**. 7 ed. Campinas: Autores Associados, 2000.

SILVA, Luiz Heron da; AZEVEDO, José Clóvis de; SANTOS, Edmilson Santos dos (org.). **Novos mapas culturais, novas perspectivas educacionais**. Porto Alegre: Sulina, 1996.